

# Eu consegui agradecer a Pinto Ferreira

D.P. 17.03.2014

SEVERINO MELO

ESCRITOR

atelleliterariocaruaru@gmail.com

**E**is que recebo de presente para o Ateliê Literário Escritor Severino Melo, sediado em Caruaru, um exemplar do livro: Pinto Ferreira – Vida e Obra – da lavra de Manoel Neto Teixeira – Polys Editora – Olinda / PE – 2005.

Ainda na capa do exemplar, atribui-se a Pinto Ferreira os adjetivos de: Pensador, Filósofo, Jurista, Humanista e Educador. Pois bem, por minha conta e risco, eu acrescento mais uma qualidade ao grande saudoso constitucionalista, Luiz Pinto Ferreira: Ele era sobremaneira um autêntico altruísta.

Em 1982 – um dos anos mais difíceis da minha vida – eu era calouro na Faculdade de Direito de Caruaru. Residente – pro tempore (pelas circunstâncias) – na Casa do Estudante Tabosa de Almeida ficava adstrito a uma refeição por dia. Justamente, o famoso “PU” – prato universitário – servido pelo casal proprietário

do Restaurante Jardim Europa, que funcionava no âmbito interno da então SCES – Sociedade Caruaruense de Ensino Superior – mantenedora então dos cursos de Direito e de Odontologia.

Na época o curso não era por semestre, mas sim por ano. Quatro avaliações. Duas em cada semestre. Média sete. Vinte e oito pontos, ou prova final oral, em cada uma das disciplinas.

O aluno era obrigado a estar adimplente, rigorosamente em dia. Até que tentei, mas fui reprovado no Crédito Educativo, junto à Caixa Econômica Federal. E o pior, ainda com 23 anos de idade, já era casado, com filho em tenra idade e desempregado, ainda que, aguardando nomeação para cargo público efetivo – na área de segurança pública – junto ao Governo do Estado de Pernambuco.

Concluídas as primeiras avalia-

ções e prestes a iniciarem as segundas, veio um dos piores veredictos que recebi em vida: Das provas feitas não teria o resultado e estava aliado de participar das próximas, até que ficasse quite com os cofres da faculdade.

Aí entra a intervenção do (Diretor / Educador) Pinto Ferreira. Não nos conhecíamos pessoalmente. Mas, usei em lhe enviar um requerimento, como última instância do meu desespero. Aqui cabe, aquele velho Salmo que

diz: “Porque não desprezou e nem abominou a dor do aflito, nem ocultou dele o rosto, antes, porém, o ouviu quando gritou por socorro”. Ele deu-me a condição de adimplente até que o Estado me nomeasse e pagasse o meu primeiro salário.

Honrei o compromisso e cinco anos depois, em 20 de dezembro de 1986, eu estava colando grau em Di-

reito, pela Faculdade de Direito de Caruaru e tendo no meu diploma o autógrafo de Luiz Pinto Ferreira.

Passados os anos, já agora no século XXI, quis o destino colocar o renomado professor bem diante de mim, no Núcleo de Passaportes, da Polícia Federal no Recife. Tive o privilégio não só de assinar o seu último Passaporte, mas também de agradecer um dos maiores préstimos que recebi em toda a minha vida. Ele me fitou e disse: “Meu filho, o que eu fiz por você, mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, eu fiz por muita gente”. Na mesma tarde enviou através de seu motorista uma obra sua de sociologia, em dois tomos, autografados, quais guardo com muito carinho na prateleira de livros autografados pelos autores, na sede do Ateliê Literário, em Caruaru, como imorredouro preito de gratidão. Obrigado – de coração – professor Pinto Ferreira – assim o faço porque: “Só aquele que passou pelo frio da dor pode chegar ao incêndio do amor”.

**Quis o destino  
colocar o  
professor bem  
diante de mim**